

Estamos nas margens do Bairro Alto, em Lisboa, no lado poente da Rua da Misericórdia, a antiga Rua d'O Mundo, porque era lá que se situava o jornal com o mesmo nome. A sede deste antigo jornal foi agora recuperada de modo a receber a Associação 25 de Abril.

Património do Estado, foi entretanto cedido, pelo prazo de cinquenta anos, à Associação, que queria, desde o final dos anos 80, convidar Álvaro Siza (AS) para lhe desenhar o ambiente e as adaptações, na oportunidade que surgisse (o arquitecto chegou a fazer um estudo prévio para a ocupação de dois pisos por cima do mítico Solar do Vinho do Porto).

Ao contrário do austero pombalino que ladeia o primeiro troço da rua, entre o Camões e o Teatro da Trindade, este edifício parecia ser uma peça ecléctica, de alçado «festivo», com grandes aberturas em arco ao nível do primeiro piso, algum movimento «francês» nas massas de revestimento e uma composição mais serena confiada às varandas e aos vãos quadrangulares dos outros pisos.

Na realidade, tratava-se do resultado de uma primeira operação de modernização e adequação funcional, seguida de uma «irresistível» acção decorativa e simbólica de resignificação do alçado, empreendida no princípio do século XX sobre um outro discreto pombalino. Grandes perfis metálicos reforçaram as fachadas de modo a permitir a abertura de vãos a par, no piso térreo e nos seguintes, tornando possível a entrada das máquinas que um jornal necessitaria, com os janelões do segundo andar provavelmente associados a um moderado espaço de redacção.

Uma enorme peanha, com motivos esculpidos, segurava um globo — um Mundo — numa inocente apresentação simbólica-comercial, certamente ousada e memorável, à época. Um esboço tímido de torreão, desviando para sul o «equilíbrio» da composição, confiava, à aparente negação do sentido de subida da rua, a marcação da entrada no edifício.

Havia qualquer coisa de *arte nova*, pobre e provinciana como toda a *arte nova* que se fez em Portugal (entre a permanência do confuso gosto romântico que exigia a legitimação dada pelos «estilos» e a nebulosa vontade de transpor, para uma economia mais modesta, um pouco dos exemplos novos e modernos da triunfante cultura burguesa europeia).

Atrás, quase encostado, separado só por um minúsculo pátio pontual entretanto ocupado pelo crescer dos pisos térreos confinantes, um outro edifício, voltado à Rua das Gáveas, terá servido ao jornal para um aumento de área, em simultâneo com essa operação de modernização, já que os lotes da Misericórdia apesar de disporem de frentes relativamente folgadas são sempre pouco profundos, até porque reconstruíam e consolidavam o fecho do quadrado maior que associamos aos limites do Bairro Alto.

Era um pré-pombalino sem história, estreito, com outra racionalidade de cotas, ligado por dentro ao edifício da Misericórdia através de um sistema atrapalhado de desníveis, suplemento de espaço que funcionava, com o primeiro, como uma unidade suficientemente cristalizada e endurecida pelo tempo, tornando pueril qualquer arremedo de «separação» e violenta qualquer tentativa de resgate das duas originais identidades.

A opção de AS na adequação destes dois edifícios à instalação do programa da Associação foi quase imediata e pragmática: respeito pelas duas fachadas opostas e quase integral recomposição do que significavam no momento da intervenção (apenas alguma liberdade no desenho da caixilharia de madeira, remetendo à frente para a memória de minúsculas quadrículas brancas, constatada a impossibilidade material de restauro do «globo»); reconstrução total do interior, com materiais correntes — estrutura de betão, pavimentos em lioz amaciado nos átrios e escadas e em madeira nos diversos compartimentos, lambris em lioz ou em MDF pintado de cinzento muito claro, paredes e tectos estucados e brancos.

A compartimentação foi também serena: um (relativamente) grande espaço de recepção, exposições e vendas, ao nível do piso térreo, uma sala de refeições



(tirando partido dos janelões em arco) e bar no primeiro piso, salas de reunião e trabalho nos seguintes, pequeno centro de documentação no topo; a atenção, organizadora dos espaços, convergindo para a zona de charneira entre os dois edifícios — um pequeno átrio de articulação quase natural, sem que os tectos denunciem a passagem mas apenas poucos degraus nos lembram que circulamos entre um e outro objecto.

Há agora um ar de clube de província que atravessa o espaço interior, talvez pelo recurso aos lambris, talvez pelas janelas da sala de refeições, certamente pela recusa de qualquer tipo de manipulação menos convencional do espaço (não há pés-direitos duplos, ou imprevistas entradas de luz, ou paredes tortas ou curvas, ou cores inesperadas, ou dimensões enfatizadas, ou suplementos de área surpreendentes ou «inúteis»).

E aqui reside um aparente paradoxo: AS, que nos habituou a uma constante especulação/interrogação nas obras que desenvolve de raiz, na plasticidade com que faz fluir o espaço entre a grande praticabilidade que sempre atinge,

jogando com os programas de um modo pouco imediato, parece-nos aqui preocupado apenas com o conforto, a segurança e a solidez do resultado, tudo se encadeando através de um discurso que propõe uma espécie de *indiferença*, uma calma ou paz que se vai buscar à colecção dos efeitos já experimentados e que se fazem ali reunir: fortes, duros, estáveis, adquiridos. Há uma espécie de respeito pelo que aqueles edifícios, unidos pelo acaso de um programa específico, quisessem ser ou ter sido e uma perseguição sistemática às potencialidades de uma compartimentação límpida e útil que um dia pudesse ter existido.

Talvez *adquirido* seja o tema. *Adquirido*, o simbolismo da Associação que se pretendia instalar, *adquirido*, o corpo da cidade onde se chega, *adquirida*, a alma dos modestos edifícios, das modestas fachadas que iriam ficar destacadas pelo cinzento claríssimo da sua mais recente pintura.

A contradição, neste jogo de anti-*design*, que produz um interior quase banal mas *concordante* com as duas realidades opostas, reside apenas, quanto a mim, na exclusiva utilização, através dos diversos compartimentos, de mobiliário desenhado pelo próprio autor.

É que esse mobiliário, que noutros contextos poderá comportar-se como um *signo*, contraposto às aventuras do espaço que passa à volta, marcando-o como uma «âncora» que nos situa e baralha as idades, aqui, numa disposição tão estabilizada e propositadamente anónima, remete-nos quase só para a função que a sua forma acaba por designar (bar, sala de refeições, sala de jogo, sala de reuniões, etc.) não mantendo a parada (alta) que uma certa indiferença e equilíbrio de dimensões ia propondo para uma utilização menos coincidente com a previsibilidade do dia-a-dia. Aquela casa precisaria, talvez, de muito mobiliário diferente, anónimo também, mas de proveniência diversa, sem assinatura, provavelmente, sem o omnipresente culturalismo que este faz passar.

Mas é uma casa que ainda agora arrancou. Espera-se que as paredes possam começar a acumular vida, estantes, *dossiers*, quadros menos burocráticos que o lote inicial, marcas, a alegria a que Abril incita; um presente vibrante, que junto, coleccionado, inconformista e criativo, construa memórias futuras. A base está lá. Adquirida, estável, aberta à apropriação, como toda a verdadeira arquitectura deverá ser, da mais excepcional à mais discreta.



---

**Sede da Associação 25 de Abril**

Arqt.º Álvaro Siza Vieira

[com a colaboração de João Pedro Falcão e Campos e Chiara Porcu, arqt.ºs]

1995/2000

Rua da Misericórdia, Lisboa

Fotografias: Jorge Simão / Expresso

Publicado no *Expresso* de 26/05/2001, com o título «O mundo de Abril»